

SAÚDE PÚBLICA NA ÁFRICA DO SUL: Enfermagem na região sub-saariana

Raquel Sales Rodrigues¹; Juliana de Carvalho Apolinário Coêlho^{2,4}; Paula Roberta Otaviano Soares Ferreira^{3,4*}

¹ Graduanda em Enfermagem, Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS; ² Doutora em Ciências Fisiológicas – UNESP; ³ Mestre em Biologia Celular e Molecular – UFG; ⁴ Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

* autor correspondente: soarespr2@gmail.com

RESUMO

A saúde na África é como se fosse uma bomba relógio, pronta para explodir a qualquer momento. Milhões de pessoas morrem no continente devido as famosas doenças tropicais, e a situação está indo de mal a pior na região. Cada vez mais mulheres morrem no parto. Os serviços de saúde pública são precários e, muitas vezes, diagnostica doentes de maneira errada. É o continente com o maior índice de mortalidade infantil dos 20 Países com maior índice, 19 são africanos. Mais de 60% dos casos de malária de todo o mundo estão neste continente também. Para que a situação da África realmente melhore, no caso da saúde, será essencial a intervenção dos países mais ricos. Estes devem aumentar o apoio humanitário mandado para os países africanos e também, obviamente, investir mais neste problema de saúde do continente. Segundo a OMS, os governos africanos ainda vão precisar investir muito mais dinheiro em saúde se quiserem combater outros males, como a pobreza. A África do Sul é o que menos tem estrutura para estudos e pesquisas para beneficiar a saúde pública da região.

PALAVRAS-CHAVE: pobreza; HIV/AIDS; malária; fábrica de medicamentos; envelhecimento; mortalidade infantil.

1 INTRODUÇÃO

A população da África do Sul sempre enfrentou grandes problemas, entre elas a saúde. A grande quantidade de doenças nessa região afeta a sociedade tanto no modo social como econômico. Altos índices de doenças como HIV/AIDS, malária, e a tuberculose vão diminuindo a perspectiva de vida nesse País (WHO, 2003). A região africana também sofre de emergências causadas pelo ser humano, elevado número de migrantes, a falta de alimento. As doenças infecciosas, doenças não transmissíveis e emergências na gravidez e parto, formam um grande problema no âmbito da saúde e social no país (SAMBO, 2006-2007). Infelizmente a pobreza é em todo o país. Os estudos mostram que a mortalidade materna na África do Sul é maior do que em

outros países do mundo. Agravando mais o quadro de pobreza dessa região (NOLEN et al., 2005).

O país africano proporciona oportunidades desiguais de uma vida saudável dentro da sociedade. Os que têm uma vida social melhor são os que convivem em área urbana, as oportunidades são sempre para esses. Que são privilegiados em ter uma alimentação melhor. Já os moradores de áreas rurais passam por grande necessidade, passam dias sem ter o que comer. A pobreza e as desigualdades na área da saúde estão ligadas a desvantagem econômica e social (SAMBO, 2006-2007).

O objetivo deste trabalho é descrever a situação da saúde pública na África do Sul. Mostrar dados obtidos de pesquisa bibliográfica e identificar ações descritas na literatura como estratégias de

políticas nacionais de saúde.

Assuntos mais importantes abordados são HIV/AIDS e desnutrição das crianças da África do Sul. Descrever como é a atuação da enfermagem nesta região. Descrever problemas e necessidades de saúde da população africana.

Neste artigo, a opção foi por uma revisão bibliográfica, realizada a partir de uma abordagem de pesquisa bibliográfica.

Em termos de fonte de pesquisa, trabalhou-se com artigos publicados na área da saúde pública da África do Sul. Artigos favoráveis, em relação ao assunto exposto ao título.

O acesso aos artigos foi através da biblioteca virtual, SciELO (<http://www.scielo.org>). Nessa biblioteca, consta uma seção específica para a saúde pública, com textos de artigos disponibilizados na íntegra.

O primeiro acesso aos artigos foi em 20 de março de 2020, com os seguintes assuntos: Saúde África, saúde pública africana, HIV/AIDS na África, doenças na África, desnutrição África. Em 07 de agosto de 2020 foi feito outro acesso para completar a pesquisa.

A análise dos artigos foi de predominância sobre a saúde em geral na região africana. Chegou-se aos artigos de pesquisa bibliográfica através da caracterização do conjunto de produção a partir de frequências.

À análise de pesquisa foi realizada a partir a partir da "técnica de análise de conteúdo". Chegando aos artigos obtidos através de frase ou por uma palavra. Nesta revisão bibliográfica, o tema está sendo como uma categoria mais ampla que pode abranger mais de um núcleo de sentido.

Em síntese, basicamente foram percorridos os seguintes passos de análise: (a) leitura exaustiva de cada artigo visando compreender a abordagem de cada assunto; (b) identificação das ideias centrais de cada artigo; (c) comparação e classificação de cada abordagem dos

artigos.

Após análise de cada abordagem dos conteúdos, juntou-se todas as ideias que serviu de base para surgir o presente artigo.

2 DOENÇAS NA ÁFRICA DO SUL

Na região africana, a HIV/AIDS, tuberculose, malária, doenças epidêmicas e problemas de saúde infantil, são grandes problemas em saúde pública. Doenças transmissíveis e a saúde mental também estão tornando-se grandes problemas na África (SAMBO, 2006-2007).

Na África, a doença predominante é HIV/AIDS. A região tem cerca de 10% da população mundial, e 60% dessa população africana é infectada pelo HIV, aproximadamente 25,4 milhões de pessoas. Essas pessoas não têm acesso aos medicamentos antirretrovirais. Significando que nos próximos 10 anos vão desenvolver a AIDS. Somente com o tratamento adequado poderá diminuir as chances de mortes por AIDS. Já são 17 milhões de africanos mortos por AIDS na África e 12 milhões de crianças perderam um dos pais por essa doença (UNAIDS/WHO, 2004).

Todo ano, surgem 2,4 milhões de novos casos de tuberculose no país e desses 500.000 chegam a óbito. Pesquisas mostram que 35% dos pacientes que têm tuberculose notificada na região africana também têm HIV. E dois terços entre adultos e crianças são co-infectados pelo HIV. A tuberculose está entre os mais jovens mais ricos na sociedade, especialmente do sexo feminino tendo prevalência para o HIV também (WHO, 2005).

África, no entanto, permanecerá fortemente afetada pela malária e permanece na fase de controle durante todo o nosso período de análise. Somente em 2035 a África alcançará a referência de 5/1.000 necessária para transição para eliminação estágio da nação (PURDY, 2013).

Entre todas as cidades da África, Moçambique é a que se depara na frente em números nos índices de desnutrição crônica. Um dos países que se depara nos índices de desnutrição crônica. Entre tantas mortes a desnutrição é a que vêm mais matando crianças com menos de 5 anos na África. A desnutrição é mais séria na região rural, contendo 41% de crianças desnutridas e na área urbana é cerca de 30% (PERLITO, 2014). Se nos países tivesse uma saúde de qualidade crianças com menos de 5 anos não morreria tanto por parasitoses intestinais derivadas da situação nutricional (SILVA, 2012).

3 VELHICE E SAÚDE

A África é o continente com menos expectativa de nascimento do mundo, por isso não significa que não tenha pessoas idosas. A África em relação a outros países é o país que menos tem gentes idosas e o país com menos crescimento populacional. Os nascimentos são muito inferiores a porcentagem de mortes anuais (TELLES; BORGES, 2012).

Na África, a região subsaariana é a mais pobre do mundo. Esse fator é agravante para o envelhecimento da população, e em grande parte está em contextos de pobreza generalizada e de profunda restrição econômica. Entre os dez países mais pobres do mundo com baixa renda econômica, nove estão nesta região (GILBERT; WALKER, 2012).

A África tem seguido uma estratégia para reduzir a pobreza no meio dos idosos, foram criações de pensões para abrigar a população idosa de baixa renda. Estudos mostram que países onde existe uma renda favorecida aos idosos, a pobreza é baixa, como Brasil, Chile e África do Sul. Países onde não existe programa aos idosos, os mais velhos entram nas estatísticas dos mais pobres (BARRIENTOS; GORMAN; HESLOP, 2003).

A epidemia de HIV/AIDS também foi associada ao grande número de idosos morando sozinhos. Por não terem

cuidados adequados e não receberem tratamento, isso ajudou ao grande número de casos de HIV/AIDS entre idosos (KAUTZ et al., 2011).

4 MEDICINA TRADICIONAL

Na África existe uma tradição em “médicos tradicionais”. A medicina do modelo biomédico é diferente em relação a medicina tradicional. A doença não está apenas relacionada ao desequilíbrio físico, mas também está ligada aos fatores do meio social, meio ambiente e ligada aos seus antepassados. A crença dos africanos é que as saúdes dos seus antepassados interferem em sua saúde atual. A medicina tradicional classifica as doenças como (1) doenças relacionadas ao meio físico/natural, essas podem ser resolvidas pelos mais velhos que possuem mais conhecimentos e proporcionam a cura da patologia; (2) doenças diagnosticadas como maléficas, precisam de ajuda dos espíritos passados e os médicos tradicionais entram em comunicação com entidades sobrenaturais (GILIO; FREITAS, 2007).

Os médicos tradicionais são muito respeitados e influentes na sociedade. Ele assume o papel de zelador de valores. Ele não apenas recebe o papel médico, mas, também de líder religioso e passa a ajudar a comunidade (GILIO; FREITAS, 2007).

Em 1979 e 1983 a má qualidade da enfermagem era tão grande e precária que foi chamada de período negro. A inexistência de recursos para as ações de saúde foi em resultado às dificuldades que o país passava naquele período. Devido a Guerra Civil, a enfermagem sofreu com o grande aumento de pacientes e mortes, devido a deficiência de materiais de trabalho (GILIO; FREITAS, 2007).

A enfermagem era muito desvalorizada neste período, médicos ignoravam totalmente a opinião dos enfermeiros, os enfermeiros eram como “serve de bata branca” para os médicos. O enfermeiro

não fazia parte da área da saúde, eram encarregadas tarefas bem distintas ao cuidado do enfermeiro (GILIO; FREITAS, 2007).

Na África, a enfermagem é dividida em vários níveis de formação. Pois a demanda de paciente é muito grande na região e o número de enfermeiros e médicos é baixo. Com a falta de médicos as formações de enfermeiros vêm sendo cada dia maior na região africana. Atualmente a enfermagem tem sido muito valorizada e muito importante para os cuidados dos pacientes (GILIO; FREITAS, 2007).

5 SAÚDE INFANTIL

Para uma criança ter boa expectativa de vida ela deve ter uma boa alimentação e nutrição, sendo assim seu crescimento e desenvolvimento vai estar adequada para sua idade (MISAU, 2007).

O governo adotou o “Programa de Proteção materno-infantil” (PPMI) de assistência à saúde. Mulheres e crianças é prioridade ao programa em cuidados primários. O objetivo é reduzir mortalidade materna infantil. A enfermagem se inseriu no programa através de parteiras, que dão assistência em: consulta pré-natal; no parto; puerpério e assistência ao recém-nascido. As vacinações são feitas pelos médicos da área preventiva (LOURENÇO; TYRRIEL, 2009)

A gestação deve ter todo cuidado possível. Uma gestação que a mãe tem um bom estado nutricional proporciona ao feto uma saúde melhor, crescimento fetal adequado ao nascer (PERLITO, 2014). A criança tendo peso adequado ao nascer, ajuda a aumentar sua expectativa de vida nesta região.

Crianças que recebem aleitamento materno reduz a mortalidade até os 5 anos de vida. O aleitamento materno é exclusivo e recomendado como único alimento necessário para a criança até 6 meses de vida (WHO, 2001).

Na África do Sul, maior parte dos

casos de parasitas intestinais é em crianças em idade escolar. Estes parasitas causam consequências ao indivíduo, como redução do desenvolvimento físico e intelectual (HARHAY et al., 2010).

Infecção tem que ter diagnóstico precoce, para poder manter o controle da vida da criança. Melhor prevenção é o saneamento básico e higiene adequada, tendo boa educação em relação a esta infecção (FARTHING; MICHAEL; CEVALLOS, 2009).

6 FÁBRICA DE MEDICAMENTOS EM MOÇAMBIQUE

Em 5 de novembro de 2003, os governos do Brasil e de Moçambique assinaram o protocolo de Intenções sobre Cooperação Científica e Tecnológica na Área de Saúde. A partir daí, iniciou-se o projeto de construção de uma fábrica de medicamentos em Matola, nos arredores de Maputo, pelo governo brasileiro. Em 2008, foi assinado, pelos governos dos dois países, um acordo para a instalação da sede do escritório da Fundação Oswaldo Cruz para África (BRASIL, 2008).

A fábrica inaugurou no dia 21 de julho de 2012, produzindo em média 21 tipos medicamentos contra HIV/AIDS, hipertensão, anemia e infecções. A fábrica produz anualmente 371 milhões de comprimidos por ano. Moçambique é o primeiro país da região africana a receber uma fábrica de medicamentos (GARCIA, 2013).

A fábrica de medicamentos é um projeto brasileiro. O governo brasileiro doou equipamentos, porém a administração da fábrica é moçambicana. Moçambique tem reduzido sua dependência de ajudas financeiras externas, sendo o primeiro país da África a produzir seus próprios medicamentos (GARCIA, 2013).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

África é um país de extrema pobreza, e um país muito escasso de

informação, para esta realidade mudar é preciso ter alianças com países exteriores. Fazendo novos projetos na área da saúde, trazer benefícios a população.

É necessário ter profissionais capacitados para dar apoio a população de maneira complexa. Enfermeiros nessa região devem promover ações em combate a fome e doenças transmissíveis e não transmissíveis.

REFERÊNCIAS

BARRIENTOS, A.; GORMAN, M; HESLOP, A. Velha pobreza de idade nas contribuições de países em desenvolvimento e dependência na vida adulta, Desenvolvimento Mundial. P. 555-570, 2003.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Atos assinados por ocasião da visita ao Brasil do Ministro dos Negócios Estrangeiros e Cooperação de Moçambique, Oldemiro Balói. Set. 2008. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/2008/04/695556573244-atos-assinados-por-ocasio-da-visita-ao-brasil-fazer>>. Acesso em: 30 out. 2013.

FARTHING, M. J. G.; CEVALLOS. Protozoários intestinais. Em COOK, Gordon C.; ZUMLA, ALLIMUDIN I. Manson's Tropical Diseases 22a ed. Elsevier. China, p.79, 2009.

GARCIA, T. S. O Brasil e a construção de uma Fábrica de medicamentos em Moçambique, Porto Alegre, p. 30, dez. 2013.

GILBERT, L.; WALKER, L. HIV/AIDS na África do Sul: uma visão geral, Joanesburgo, p. 2-10, set. 2012.

GILIO, A. P. F.; FREITAS, G. F. Um olhar sobre a realidade de Moçambique: a enfermagem e a saúde, Brasília, p. 98-102, abr. 2008.

HARHAY, M. O.; HORTON, J.; OLLIARO,

P. L. Epidemiologia e controle de parasitas gastrointestinais humanos em crianças. "Expert Rev Infect Ther". v. 8, n. 2, p. 219-234, fev. 2010. Lourenço, M. A. E; Tyrrel, M. A. R. Programas de Saúde materno infantil, Moçambique, p. 620, jun. 2009.

KAUTZ, T. et al. AIDS e o declínio do suporte para idosos dependentes na África: análise retrospectiva usando dados demográficos e pesquisas de saúde. 2010.

LOURENÇO, M. A. E.; TYRREL, M. A. R. Programas de Saúde materno-infantil. Esc. Anna Nery Rev Enferm. 2009.

MISAU – Plano Estratégico Do Setor da Saúde. República de Moçambique. 2007.

NOLEN, L. B. et al. Fortalecimento dos sistemas de informação em saúde para abordar desafios da equidade na saúde. Boletim da OMS. p. 597-60, 2005.

PERLITO, D. Porto: Avaliação do estado de nutrição e dos Hábitos Alimentares no 1º no de vida de crianças do 0 aos 24 meses da província de Nampula, Moçambique, p. 16-30, 2014.

PURDY, M.; ROBINSON, M.; WEI, K.; RUBLIN, D. Perspectiva econômica do combate à malária, Londres, p. 820-822, jun. 2013.

SAMBO, G. L. Pobreza, iniquidade e saúde pública africana. [S.l.]. 2006-2007.

SILVA, D. C. S. Parasitas intestinais em Crianças, Universidade de Lisboa, p. 18-40, mar. 2012.

TELLES, J. L.; BORGES, A. P. A. Velhice e Saúde na região da África Subsaariana: uma agenda urgente para a cooperação internacional, Rio de Janeiro, p. 355-3557, set. 2012.

UNAIDS/WHO. Epidemia do UNAIDS,

Geneva, 2004

WHO. Controle Global da tuberculose: Vigilância, Planejamento, Financiamento. Organização Mundial da Saúde, Genebra, 2005.

WHO. Doenças transmissíveis na Região Africana da OMS, Harare: Divisão de prevenção e controle doenças

transmissíveis, Escritório Regional da OMS, 2003.

WHO. Organização Mundial de Saúde. Quinquagésima Quarta Assembleia Mundial da Saúde. Global estratégia para alimentação de bebês e crianças pequenas: a duração ideal de amamentação. Item 13.1 da agenda provisória. Genebra. 2001.